

de quem se devia esperar — veja-se o folego emotivo dos *Teles d'Albergaria* — o romance sentido da nossa época — mixto de Deus e Diabo, alucinação dos sentidos e vãos misticos da alma?

Ah! a critica, a critica! Quem, até hoje, por ela, em Portugal, conseguiu dizer a verdade?

Alves Martins.

Revista das revistas

«Contemporanea» = N.º 8

Os desprezenciosos comentarios, cheios de bom humor e impenitente sinceridade que o autor destas linhas, num dos numeros da *Revista Portuguesa*, opoz a certos versos e prosas publicadas na *Contemporanea*, fizeram com que certos pataratas do Café Martinho, com o intellecto educado a mazagran e o espirito moralizado pela escola fecunda do *Monumental* ou do *Maxim's* conclamassem rubros d'indignação estar o aludido fabiano movendo rancorosa guerra á dita *Contemporanea*. Claro está que o auctor destas pobres linhas não tem culpa alguma de, por mal dos seus pecados, ainda haver em Portugal muitos daquêles a que D. Duarte chamava *homens minguados e fallidos de bom entender*; culpa lhe não cabe tampouco de que, no mesmo paiz, se haja perdido a noção do que sejam necessidades moraes e o valor dos adjectivos, como culpa igualmente não possui de que entre nós seja obrigatorio para toda a gente o dizer sempre bem dum jornal ou d'uma revista desde que nêle ou nêla se colabora. Boas barrigadas de risota nos forneceram as novas *Guerras do Alecrim e da Mangerona* por nossa intervenção rebentadas entre os habitantes do Café Martinho; a mesma santa galhofa que lhe provocou ha dias ao fabiano auctor destas linhas

a leitura d'uma local jornalística aonde se attribuia á sr.^a Virginia Victorino *fulgores d'inspiração*, a par d'uma outra que enchia de *ilustre* o nosso inutil ministro em Paris! Que rasgada pandega estes elogios e estes elogiadoies! Não teem, decididamente não teem a noção do adjectivo... Lembra-se a gente logo do excelente Grão Duque Casimiro: *Sempre que chego a Paris pergunto: «Onde é que se janta agora?» Em casa do Joseph!... Qual! não se janta! Hoje, por exemplo, galinholas... Uma peste! Não tem, não tem a noção da galinhola!* ou então: *Tudo é o Ernest agora! Onde se come? No Ernest. Qual! Ainda! esta manhã lá almocei... Um horror! Uma salada Chambord... palhada, indecentemente palhada! Não têm, não tem a noção da salada! Paris foi!...*

...Excelente Grão Duque!... Aqui em Portugal é o contrario. Todos teem a noção da galinhola e da salada. Ou pelo menos teem apetite que é sempre o melhor condimento para todas as iguarias: haja vista o rôr de jantares de homenagem ha uns tempos a esta parte em Lisboa. Teem sim, lá isso teem a noção da comida: o que não teem, positivamente não teem é a noção do adjectivo!... A sr.^a Virginia Victorino que tal? Grandiosa poetisa! O sr. João Chagas, o sr. João Maria Ferreira, o cauteleiro fardado, o sr. Veiga Simões e o Pinheiro Maluco? Extraordinarios, ilustres portugueses! Não: decididamente não teem a noção do adjectivo...

Ora aqui teem vossorias porque se não percebeu a nossa discordancia a respeito de prosas e versos publicados naquella revista que, presentemente, é tudo quanto de mais artistico se publica entre nós! Não se percebeu, porque, não se tendo a dentro do cerebro dez reis de miolos se confunde o continente com o conteudo, se abstrae de tudo para só se acreditar que o nosso amigo *x* não podia ter humanamente errado, e ainda porque, não se tem, positivamente não se tem a noção do adjectivo!... O Grão Duque Casimiro pelo menos é o que diria. E nós que somos, alem de exigentes em materia grafica, um pouco dificeis de contentar em questões de moral, retilamos. Ia sendo a nossa desgraça! Pois deixa-lo! Não precisamos da porta-

ria de louvor enviada pelo sr. João Camoesas á *Contemporanea* para afirmar peremptoriamente o seguinte:

a) A *Contemporanea* é o mais belo esforço que em Portugal se tem feito para fundar um esplendido e moderno magazine;

b) Lá fora não ha melhor: irei mesmo mais longe: nenhuma revista estrangeira — e eu conheço muitissimas — é tão primorosa sob o ponto de vista grafico. D'aqui o representar a *Contemporanea* um orgulho para o seu director artistico e para a mão d'obra portuguesa a qual, mesmo com reduzidos meios produz trabalhos como o do numero do Natal da revista a que me reporto;

c) A *Contemporanea* tem arejado o ramerrão das ideias lusitanas acerca do que sejam edições. Ha quem lhe chame um mostruario de caracteres tipograficos. A verdade porém é que o esforço inteligente do seu director tem conseguido com esses caracteres um aspecto tão inconfundivel e artistico que é maravilha como certas revistas suando dinheiro por todos os póros e tendo ao seu dispôr uma legião de colaboradores não conseguem passar da categoria de estafermos velhos;

d) A *Contemporanea* abriu as suas portas a todos os escritores nos quaes lobrigou — ou julgou lobrigar — uma rastea de, pelo menos, boa vontade. E isso sem distincção de credos politicos ou artisticos e no intuito de conseguir um todo que desse a ideia da mentalidade portuguesa. Aqui porém é que a porca torceu o apendice posterior. Deu-se mesmo o caso de certa colaboração ser mesmo muito... posterior. Outra por seu turno era de tão duvidosa arte que os individuos por mais leigos e tacanhos — e o auctor destas linhas não se tem na conta do sábio, é claro — imediatamente seriam levados a protestar. Escusado citar exemplos; ainda ha pouco tempo aqui o dissémos e não vale a pena estar a gastar mais tempo com os borrões espalhados pelas paginas da *Contemporanea*. Ora esses deslises foram devidos a uma errada visão do que sejam os interesses superiores do agregado social. Nest ano da graça de 1923 já todos os artistas e escritores portugueses deveriam estar convencidos de que, nem tudo é defensavel ou publicavel, mórmente aquilo que tenda a rou-

bra-nos a nossa indole especial e caracteristica. Renovar não significa por fórma alguma destruir. E, na presente ocasião, do que nós precisemos é de ideias que nos tornem melhores do que somos. Ora todo o trabalho intelectual e artistico que, de semelhante alvo nos afaste, resulta sempre uma coisa ingloria, ofensiva mesmo dos nossos direitos como povo que constituiu um tipo de civilização. Reconduzir-nos até ás características vincadas e perfeitas dessa civilização, renovando-as, melhorando-as e trazendo-lhe todo o contributo que com ela não esteja em antinomia eis o lema de todo o empreendimento d'Arte e de Beleza em Portugal. Não é da nossa opinião esse querido camarada que se chama José Pacheco e cujos esforços de alguns anos para fundar e basear a *Contemporanea* presenceamos e aplaudimos sempre? E poderá acaso alguém negar que certas ideias espendidas na sua bela revista vão inteiramente contra as necessidades da hora que passa, esta hora de renovação em que nós precisamos, mais do que nunca, seguir o conselho garretiano — ser *nós mesmos*? poderá negar alguém que essas ideias vão mesmo contra a indole dos nossos intellectuaes?

Eis os comentarios desapaixonados e sinceros que a *Contemporanea* nos volta a sugerir. Artisticamente continúa dando lições — é ver como se apresenta o n.º 8 que temos presente. De resto em todos os numeros predomina um apuro grafico de primeira ordem: a disposição, a côr, a harmonia do conjuncto não teem nada que se lhes oponha. Anda nisto o dedo dum artista a cujo incontestavel gosto fomos até dos primeiros a render justiça em tempos que longe vão e quando certos ineditismos chocavam o meio apatico e safaro desta estúpida cidade. Vamos mesmo até ao ponto de confessar que a coleção da *Contemporanea* será mais tarde obra de consulta por parte de quem quizer saber como se deve fazer uma revista. Simplesmente — e é nisto que está a nossa discordancia — predomina em a *Contemporanea* um tal ou qual ecletismo que a prejudica varias vezes. Argumentar-nos-hão que cada um

está no direito de aceitar aquilo que quizer. E' certo e até mesmo o sr. de La Palisse já era do mesmo parecer. Mas, em casos taes, tambem cada qual está no seu plenissimo direito de dizer que não concorda e de fazer a critica desse modo de ver e dessa maneira de encarar as necessidades do agregado social a que pertence. Demais a mais quando se tem como guia um certo corpo d'ideias do qual não é facil de abdicar sem que isso implique absoluta desolação d'espírito, forçadamente se é levado a manifestar essa discordancia. Eis o que não viram ou não quizeram ver certos individuos que o pobre rei D. Duarte etequetou de *homens mingiados e falidos de bom entender...* Quando uma publicação se nos apresenta como a *Contemporanea*, vê-se com enlevo numeros como o do Natal, coisas d'arte como o retrato de Tomás Têran por Almada, admira-se o gosto apuradissimo que preside a todo o conjunto grafico, manifesta-se — como já em tempos fizemos — a nossa discordancia, a dossa repugnancia mesmo, por certa colaboração que de modo nenhum merecia ser publicada na mais artistica das revistas portuguesas e dá-se um abraço ao artista que dirige tecnicamente a dita revista. E' o que nós fazemos — e sem lhe dizer qual a parte literaria que nos agrada ou qual nos repugna, para que nos não acoimem de parcial. Vamos voltar a ler este numero 8 que é simplesmente primoroso como apresentação: quando algum fabiano nos desagrada em prosa ou verso, cingir-nos-hemos a ver a parte artistica. Porque essa é que, sem contestação alguma, se pode classificar de inexcedivelmente bela.

... ora então vamos lá ver os bonecos — como dizem os petizes!...

Alvaro Maia.

A REVISTA PORTUGUESA publicará, no proximo numero, a critica da peça "**Mar Alho**", de Antonio Ferro.